

**HISTÓRIA CONTADA:
A NARRATIVA REALISTA AFETIVA E FICCIONAL
DA CRÔNICA SHANGRI-LÁ
DA COMUNIDADE PESQUEIRA DE ARRAIAL DO CABO**

Manuela Chagas Manhães (UNESA/UENF)
manuelacmanhaes@hotmail.com.br
Analice Martins (IFF/UENF)

RESUMO

Esse presente artigo tem como objetivo tratar da narrativa que traz consigo especificidade estéticas e particularidades literárias, entendo que as crônicas narradas no livro *“Arraial do Cabo: seus Contos e seus encantos”* trazem elementos do realismo afetivo, da mesma forma que, permitem que o leitor conheça elementos socioculturais do modo de vida compartilhado nas histórias contadas pelos membros dessa comunidade tradicional pesqueira, construindo impressões da realidade alimentadas e legitimadas pelas suas representações e descrições. O objeto de estudo, desse modo, é uma crônica intitulada “Shangri-lá”, que representa um patrimônio imaterial brasileiro da pequena comunidade de Arraial do Cabo que foi organizado e documentado pelo Wilnes Martins Pereira. Nesse aspecto, segundo Wilnes Martins Pereira (2013, p. 09) tais crônicas e lendas eram passadas para as pessoas da pequena colônia de pescadores, e acredita-se que alguns fatos existiram e outros não passam de criações imaginárias do povo cabista, sendo uma narrativa socializadora, reproduzida pela história oral pelos membros dessa comunidade, à medida que traz tradições, costumes, elementos da cultura popular, seus ritos que estão no seu modo de vida, determinantes para esse povo do mar, e, em contrapartida, favorece o processo criativo ficcional, respaldando, assim, a escolha por esse objeto de estudo literário. Entre os conceitos trabalhados nesse trabalho, terei como eixos norteadores: (1) realismo afetivo, impressões da realidade e ficções, (2) narrativa, linguagem e memória coletiva, (3) representações e realidade sociocultural cabista.

Palavras-chave: Narrativa. Realismo afetivo. Comunidade pesqueira.

1. Introdução

Ao escolher esse objeto de estudo, o livro: *Arraial do Cabo: Seus Contos e Seus Encantos*, organizado e documentado por Wilnes Martins Pereira, o que buscamos foi compreender a conexão entre representações dos contextos sócio culturais e a própria experiência da realidade narrada por diferentes interlocutores que passeavam em suas histórias, tornando para além de ficções, uma fonte de elementos definidores de um modo de vida, de vivências e memórias que reafirmam os efeitos do real. Para isso definimos a crônica: que tem como título: “Shangri-lá”.

Logo encontramos nas crônicas narradas por Wilnes Martins Pereira (2013), de maneira geral, tradições, costumes, crenças. Há uma edi-

ficação do torna-se humano sobre diferentes prismas e que são fundamentos universais para o sentido amplo de diversidade cultural, onde temos um patrimônio imaterial que permite aos sujeitos sociais conhecerem e se reconhecerem, que foi remontada por *Wilnes Martins Pereira* num estilo realista afetivo, construindo uma narrativa que provoca o imaginário e traz uma espécie de visão de mundo, de estar no mundo, o qual os interlocutores, nessa comunidade, se sentem pertencentes. Em outras palavras é construída uma narrativa de uma experimentação de maneira objetiva entrelaçada as questões subjetivas que fazem ter um processo ficcional e que trazem impressões da realidade social. É uma escrita repleta de achados e perdidos que passeiam na memória coletiva. Movediça por ser traidora de si mesma e inteira por ser imperfeita na realidade, e por isso autenticada pelos membros da comunidade de Arraial do Cabo.

2. *Memória coletiva e linguagem: a narrativa como reveladora de uma cultura*

Ao constataremos o papel integrador que a linguagem faz e favorece os interlocutores, entendemos que é através da linguagem que temos um grande acervo de um imenso conjunto de sedimentações coletivas que são adquiridas e que podem ser reinventadas e reinterpretadas diante das nuances vivenciadas pelo grupo, assim como pela própria dinâmica social. O fato é que pela ação comunicativa o processo de socialização é praticado, tanto a primária quanto a secundária, formando o indivíduo a partir dessas sedimentações coletivas, que são construídas historicamente, e que, na verdade, são passadas de geração para geração, tendo a interiorização da realidade social e formação da memória coletiva perceptíveis nas interações da vida cotidiana, mas, que pode ganhar novos sentidos, significações. Segundo Peter L. Beger e Thomas Luckmann (1983, p. 173):

(...) o indivíduo não nasce membro de uma sociedade. Nasce com a predisposição para a sociabilidade e torna-se membro da sociedade. Por conseguinte, na vida de cada indivíduo existe uma sequência temporal no curso da qual é induzido a tomar parte na dialética da sociedade. O ponto inicial deste processo é a interiorização, a saber a apreensão ou interpretação imediata de um acontecimento objetivo como dotado de sentido, isto é, como manifestação de processos subjetivos de outrem, que desta maneira torna-se subjetivamente significativo para mim (...) Sem dúvida, este assumir em si mesmo constitui em certo sentido um processo original para cada organismo humano e o mundo, uma vez assumido pode ser modificado de maneira criadora ou (menos provavelmente) até recriado. Em qualquer caso, na forma complexa de interiorização

rização, não somente compreendo os processos subjetivos momentâneos do outro, mas compreendo o mundo em que vive e esse mundo torna-se meu próprio.

Quando estabelecemos a relação da memória com o processo socializador, temos a narrativa sendo utilizada como grande instrumento para que haja entre os membros do grupo, da comunidade uma integração através de suas lembranças, de seus recortes, de suas vivências que podem ser ressignificadas, a partir de representações, que são fabricadas pelo narrador. Logo, percebemos a memória com um papel catalisador entre os indivíduos e uma fonte de imagens, objetos e significações que serão inspiradores, descritos e captados pelo autor.

É nesse contexto que buscamos compreender a origem da palavra memória, que está associada à deusa *Mnemosyne*. Essa deusa, conhecida como musa inspiradora e protetora das artes e da história estaria no caminho dos homens por permitir que ele se comunique uns com os outros, assim como tenha a recordação dando sentido a sua existência entre seus pares (LE GOFF, 2000, p. 21-44). Complementando Walter Benjamin (1987) ao falar dessa deusa, *Mnemosyne*, traz que ela é considerada como a deusa da reminiscência, e funda a cadeia de tradição, que transmite os acontecimentos de geração em geração; teríamos, desse modo, a herança cultural, a base para a concepção do sentido de memória coletiva, e, é nesse sentido, que entendemos, segundo Walter Benjamin (1987, p. 211), que “(...) ela tece a rede que em última instância todas as histórias constituem entre si. Uma se articula na outra, como demonstram todos os outros narradores”.

Em outras palavras, quando entendemos a palavra memória, estamos afirmando que a memória permite o ordenamento do mundo antes de existirmos, ela permite que a vida coletiva seja organizada, garantindo os modos de vida através de lembranças, vivências e compartilhamento de valores, rituais, tradições. Em suma, a narrativa percorre a memória coletiva, e assim, encontramos, na crônica “Shangri-lá” especificidades da comunidade pesqueira cabista, mas que ao longo de sua formação, pode ter sofrido ressignificações e reinterpretações, assim como pode ser fictícias, mas, que também, é compartilhada mediante a dinâmica social. Por isso, consideramos que o livro *Arraial do Cabo: Seus Contos e Seus Encantos* é um realismo afetivo. Foi estabelecida a narrativa realista afetiva que traz, nos diferentes contos, de modo geral, recordações formadoras da memória coletiva, de seus personagens reais e imaginários, e são povoadas por impressões da realidade ou elaborações da realidade, que permite que identifiquemos tal estilo realista afetivo.

Segundo Ecléa Bosi (1994, p. 55):

(...) na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, "tal como foi", e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas ideias, nossos juízos de realidade e de valor. O simples fato de lembrar o passado, no presente, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro, e propõe a sua diferença em termos de ponto de vista.

Como Peter L. Beger e Thomas Luckmann (1985) afirmam, a construção social da realidade se deve a formação do indivíduo no meio em que vive, favorecido pela objetividade do que é transmitido e subjetividade pela interpretação. É fato a influência sobre o indivíduo pelas instituições sociais como a família, a religião, a organização da vida social, econômica e política, além de aspectos da própria vida cultural. A constituição da memória coletiva via a narrativa torna-se, assim, vivenciada pelos membros da comunidade, permitindo que haja um primeiro reconhecimento entre eles, o que pode ser percebido com a existência do sentimento de pertencimento, e, por mais, que haja diferentes formas de interpretar e representar a própria memória individualmente, temos pontos de interseções, que traduzem a identidade cultural do próprio grupo, refletida entre os pares no seu cotidiano em suas histórias contadas e recontadas.

Isso não significa dizer que a memória não sofra alterações, é justamente ao contrário. Maurice Halbwachs (1990) diz que a memória não permanece inalterada, na verdade, a memória não reproduz de forma simétrica a imagem do que foi vivido, do passado, assim na verdade, a memória é uma reconstituição, uma reprodução sobre o viés de pontos de vista e por isso, também, ficcional. Dessa forma, a memória coletiva se faz a partir da interseção dos sujeitos sociais que se relacionam uns com os outros, dando, então, sentido a relação entre o narrador e o ouvinte, ao passado existente no consciente e inconsciente dos indivíduos e a sua relação com o presente, trazendo um acervo de detalhes do experimentado, do observado, de histórias e de lembranças das realidades sócio históricas culturais de uma comunidade e de suas representações alusivas a tais realidades.

As lendas, as crônicas e os contos que repousam nas fontes folclóricas do mundo maravilhoso e do mundo mágico em nossa terra, têm como origem a

espiritualidade e a irreverência de um povo que vivia a beira mar com o sublime propósito de inserir valores literários na cultura de nossa gente (...) os contos engraçados eram passados para as pessoas da pequena colônia de pescadores de nosso quarto distrito, e seduziam, principalmente, as crianças pela forma teatral como eram narrados. Acredita-se que alguns fatos existiram, outros não passam de criações imaginárias de um povo espirituoso e participativo da história cultural e folclórica de Arraial do Cabo. (PEREIRA, 2013, p. 9)

É nesse aspecto que percebemos a importância da memória coletiva para a construção da realidade social da comunidade pesqueira cabista, da realidade vivenciada na dinâmica social por cada sujeito social, que potencialmente se torna um narrador. Seriam versões contadas, interpretadas e que são de suma relevância para que os sujeitos sociais possam garantir a existência do grupo assim como de seu modo de vida e suas redefinições mediante as novas urgências, desafios, experimentações, dificuldades e necessidades sociais, que favorecem que, de forma criativa, entre personagens inventados e universos simbólicos vivenciados e determinantes no seu modo de vida, sejam compartilhados e assim, capturados e traduzidos por Wilnes Martins Pereira na sua narrativa realista afetiva, em nosso caso, observado nas crônicas do livro: *Arraial do Cabo: Seus Contos e Seus Encantos*.

3. Uma breve análise da narrativa realista afetiva presente na crônica *Shangri-lá*

Segundo Walter Benjamim (1987) o cronista é o narrador da história. Concordamos com o autor ao afirmar que o narrador mantém sua fidelidade a época, ao seu olhar sobre os fatos contados, reinventados, reinterpretados, por isso que uma história recontada não será a mesma, passa pela intersubjetividade, influenciada pelos valores, pela socialização, pelo tempo que refugiam a formação do indivíduo. Mas para que a narrativa se mantenha viva, há uma relação ingênua entre o ouvinte e o narrador, a qual é dominada pelo interesse de conservar o que foi narrado. “Para o ouvinte imparcial, o importante é assegurar a possibilidade de reprodução. A memória é a mais épica de todas faculdades”. (BENJAMIM, 1987, p. 210)

O que isso significa? Segundo o autor o narrador tem suas raízes no povo, na sua comunidade, é um artesanato de palavras, que tem a musa da reminiscência, inspirando a formação da memória, que ao construir a narrativa é capaz de provocar o sentido de vida e moral da história passada de geração a geração. Nas palavras de Walter Benjamim (1987, p. 214), “Em suma, independentemente do papel elementar que a narrativa

desempenha no patrimônio da humanidade, são múltiplos os conceitos através dos quais seus frutos podem ser colhidos”.

Logo, nos questionamos como o narrador favorece para que tenhamos representatividade e não-representatividade na narrativa, o que nos encaminhou para o realismo afetivo. Sabemos, segundo Karl Erick Schollhammer (2012), que a partir da década de 90, os efeitos sensoriais alcançaram extremos de concretude, o que favoreceu para um hibridismo do realismo tradicional, sendo denominado realismo afetivo. Assim, encontramos uma concretude afetiva do signo até o limite de sua representatividade, criando efeitos de realidade, tendo o aspecto performativo na linguagem literária, o que provoca o efeito afetivo em lugar de uma representatividade pura. Dessa forma, os efeitos afetivos têm como sede a própria vida social, principalmente, quando tratamos de fatos reais no bojo da narrativa, compartilhado por um grupo, ganhando um novo leque de sensações e emoções quando construídas e captadas pelo autor, mas que estão, em nosso caso, especificamente voltadas para evocação de um referencial: as impressões da realidade. Assim, Karl Erick Schollhammer (2012, p. 81-82) diz que " (...) a obra se torna referencial ou real na medida em que consegue provocar efeitos sensoriais e afetivos parecidos ou idênticos aos encontros extremos e chocantes com a realidade em que o próprio sujeito é colocado em questão".

Logo Karl Erick Schollhammer (2012, p. 137-139) afirma que Foster sugere uma mudança no Realismo com uma definição contundente. Descreve a transformação do Realismo entendido como “efeito de representação ao realismo como um evento de trauma”, em outras palavras, o efeito provocado pela representação se agrava para um evento traumático. Para além dessa perspectiva, temos a experiência afetiva, na qual, em nosso caso específico, a crônica torna-se real, dissolvendo a fronteira entre a realidade exposta na narrativa e a realidade envolvida esteticamente, o que traz o sujeito, o ouvinte, o leitor para dentro do evento narrado provocando suas emoções e suas significações, ainda mais, quando tal evento, parte da memória coletiva vinculadora ao grupo, à comunidade, incluindo assim, a dimensão participativa, quando há a estética afetiva.

É nesse aspecto, que entendemos o realismo afetivo presente na crônica "Shangri-lá". Tal crônica “narrada” por diferentes indivíduos, foi mantendo-se viva pela história oral, a qual tinha uma relação direta entre os membros da comunidade. Assim, em Shangri-lá, especificamente, encontramos quando remontada e escrita por Wilnes Martins Pereira (2013)

elementos do realismo afetivo, com detalhes descritivos em torno de um evento traumático para essa comunidade, traz as entrelinhas que são interpretadas, sentidas, provocando sensações e percepções afetivas no ouvinte, e hoje, o leitor, a buscar a moral da história, deixando um suspense apreensivo, da mesma forma que provoca a imaginação dos envolvidos, com seus personagens ficcionais, mas que tomam forma com as impressões da realidade social da comunidade cabista, alimentando a sua memória coletiva não mais como história contada, mas como fato acontecido narrado.

Partindo dos pressupostos teóricos de Walter Benjamim (1987) entendemos que há uma relação entre narrador e sua matéria (a história), que, seria a própria vida humana, sendo não só uma relação artesanal de elementos trazidos da experiência, mas de detalhes descritivos da realidade sociocultural e histórica (em nosso caso) e vividos por outros em outro tempo, e, que remota ao presente emoções e percepções com a narrativa do que teria sido o bombardeio (evento traumático) ao barco pesqueiro denominado "Shangri-lá".

Uma das histórias mais tristes ocorridas em Arraial do Cabo foi, sem dúvida alguma, o bombardeio ao Shangri-lá. Muitas versões sobre o ocorrido foram citadas ao longo do tempo, segundo pesquisa realizada em arquivos oficiais, é esta, contada aqui em poucas linhas. (PEREIRA, 2013, p. 130)

Recentemente, o que se tem conhecimento desse episódio, após setenta anos, foi o anúncio feito pela Marinha do Brasil cientificando tal fato e condecorou, através de uma placa no Monumento Nacional dos Mortos da II Guerra Mundial, os nomes dos dez pescadores tidos, também como *heróis de guerra*. (PEREIRA, 2013, p. 132)

O narrador, nesse aspecto, ao contar a história do barco pesqueiro São Martinho, se volta para o acontecimento, vivido pela comunidade, que embora, não tivesse, no fato em si, deixa subentendido suas consequências, dotando de sentido, emoções e representações para aquela comunidade, que entre seus membros utilizou da história oral, numa perspectiva memorística, quando os destroços do pequeno barco retornou a praia em arraial do cabo, tendo então, ciência do que tinha acontecido, e que possibilitou que houvesse uma relação entre as gerações, à medida que, existiu o contar histórias, e por isso, mantém-se viva ainda na memória coletiva.

As claras águas do mar, por razões maternas, não devolveram os corpos de seus filhos, porém, restos do pesqueiro boiaram e seguiram trajetórias diferentes; uma grande porção dos destroços rumou para o alto mar, e outra fração devolvida as praias de Arraial do Cabo. (PEREIRA, 2013, p. 132)

Hoje, com a documentação e organização de tais histórias por Wilmes Martins Pereira (2013), podemos perceber, que é uma crônica, e que traz características do estilo realista, especificamente, o realismo afetivo. Agora, histórias contadas que não se perderão com o tempo, já que temos o registro, mas que como toda obra literária, permite uma reinterpretação, ressignificação, uma estreita ligação entre narrador e leitor, embora, ainda seja, um movimento solitário vivenciado pelo leitor, transcendendo o evento traumático, para seus efeitos sensíveis e estéticos.

O mestre do Shangri-lá impelido pelo desespero, apagou a lanterna e deixou o pequeno barco escuro. O comandante alemão *Hans Kraus*, em poder das coordenadas de ataque, deu volta e meia e, contra o bombordo do pesqueiro, autorizou os disparos de sete tiros de canhão, destruindo, por completo, o indefeso barco de pesca. (PEREIRA, 2013, p. 130-131)

Para além disso, é perceptível que a narrativa está repleta de características específicas da comunidade pesqueira cabista, remontando uma base extremamente descritiva para o leitor, com elementos sócio culturais de tal comunidade, desde as questões que envolvem a profissão de pescador e o desenvolvimento da percepção da pesca pelos mesmos (descrição cultural: pormenores culturais), como os encantos voltados para a natureza (descrição geográfica) e exuberante beleza dessa região, que tem o mar de águas azuis, claras, que o vento é um sinal de chuva ou de sol, da mesma forma que a maré e suas correntezas são formas de saber por onde andam os cardumes.

Navegando em direção leste-oeste, por fora do farol de Cabo, e São Martinho varria algumas milhas a procura de bons cardumes. Aquela tarde prenunciava excelente pescaria; teoria sábia dos mareantes da Praia dos Anjos devido à pigmentação da água e correntes fracas que corriam em direção sul. Existem coisas que só o céu e o mar podem explicar... E o homem do mar aprende certos mistérios por costumes, profissão e também, é claro, com a mãe natureza. (PEREIRA, 2013, p. 130)

Nesse âmbito, ao analisar a crônica "Shangri-lá", confirmamos nossa hipótese de que a narrativa é socializadora para quem a compartilha no dia a dia e, também, um instrumento revelador de uma cultura, pois ela possibilita conhecer os elementos culturais que edificam uma das facetas da encantadora identidade cultural da pequena vila de pescadores cabista.

Concordamos com Paula Sibília (2008, p. 31) ao afirmar que a linguagem não só é benéfica para auxiliar a organizar o caos, o tumulto de informações e experiências, mas ela flui da experiência e possibilita dar o sentido ao mundo, e traz uma estabilidade no espaço e ordena o tempo, e que através da narrativa, em que há a relação dialógica constan-

te com a multidão de vozes também modela, coloreia e recheia a memória, construindo as subjetividades, nutrindo o mundo com um rico acervo de significações, como, por exemplo, encontramos em *Shandri-lá*. O que será que realmente aconteceu? Como foi o último instante desses pescadores, que ali estavam, em seu habitat natural, buscando o sustento de suas famílias? Serenidade? Desespero? Aflição, pois sabiam que estavam prestes a morrer? Mas por quê? O que se passava naquele pequeno barco de pesca São Martinho nos últimos momentos antes de ser destruído em 1943? E por outro lado, por que a ordem? Como foi feito, virou o canhão, e simplesmente, o disparo, certo e decisivo? E em terra firme, será que foi visto? Ou melhor, o que foi visto, escutado? E no outro dia... As famílias, sua angústia, sua esperança, por quanto tempo durou?

"Após os disparos, nenhum gemido humano foi ouvido naquele ponto do mar. A marejada, em murmúrio sepulcral, denunciava o repouso daqueles bravos pescadores em sua morada eterna". (PEREIRA, 2013, p. 130)

Retalhos de histórias... retalhos de narrativas que descrevem o fato trazendo pormenores, impressões da realidade da vila de pescadores cabista, materializando um evento traumático, que traz os efeitos afetivos para quem, hoje, percorre suas frases, e desemboca na realidade, deixando a emoção, o suspense fluir, e ainda que sejam baseados em "fatos reais" trazem construções de personagens ficcionais no instante que são recontadas e relidas, mas que, ainda assim a verossimilhança persiste e constitui a vida dessa pequena comunidade pesqueira com suas recordações, lembranças, e assim, sua memória coletiva, e nessa crônica, particularmente, com suas representações que produzem efeitos do real com a sua historicidade.

4. Considerações finais

Visualiza-se como as relações simbólicas geradas nas relações objetivas entre moradores e suas atividades ligadas ao mar, podem ser vistos como forma de mobilização em torno de um processo de afirmação identitária em que se constrói um o sentido de identidade e traz a legitimação mediante a necessidade de pertencimento para com seus pares, o que permeia a comunidade de pesca artesanal no município de Arraial do Cabo através da constituição da memória coletiva, tendo como base no processo socializador a sua narrativa repleta de símbolos, representações e significações.

Encontramos no livro: “Arraial do Cabo seus contos e seus encantos” crônicas que trazem o realismo afetivo, assim como, a importância do narrador e sua relação com o ouvinte e leitor ao contar histórias que expressem suas manifestações culturais, seus elementos culturais, formadores da vida do pescador, do ambiente, do seu modo de vida, ou seja, de maneira que a linguagem favorece a manutenção organização da estrutura da vida social do povo do mar cabista, de uma maneira geral, do patrimônio cultural imaterial desta comunidade tradicional brasileira.

Logo, num primeiro momento, encontramos a história oral como forma de transcender o tempo, trazendo em suas narrativas personagens ficcionais assim como elementos da realidade social, além de eventos, considerados traumáticos e efeitos afetivos e psicológicos, o que caracteriza a crônica “Shangri-lá” como uma narrativa realista afetiva. Mas, o fato, é que temos muito que entender sobre as variáveis encontradas ainda em sua narrativa, em sua historicidade, temos que desvendar suas particularidades e multiplicidades que garantem suas histórias e memórias e o seu sentimento de pertencimento.

Desse modo, podemos compreender que a história contada quando toma formato de uma narrativa organizada em contos, crônicas trazem possibilidades para outros terem contado não apenas como história em si, mas também, possibilidades de conhecer novas culturas, novos fatos que trazem impressões subjetivas e objetivas da realidade, constituem, na verdade, uma colcha de retalha da própria memória coletiva de um grupo, e que afeta um grupo, uma comunidade, incorporando um sentido amplo dos aspectos culturais que compõem a diversidade, o multiculturalismo em nosso país especificamente, possibilitando para o grupo o reconhecimento social.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

BEGER, Peter L. & LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. 22. ed. Trad.: Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis: Vozes, 1985.

BENJAMIM, Walter. *Magia, técnica e política*. Ensaios sobre literatura e história da cultura. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.

GUIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

HONNETH, Axel. *Luta por reconhecimento*. São Paulo: Editora 34, 2009.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*, vol. II. Lisboa: Edições 70, 2000.

PEREIRA, Wilnes Martins. *Arraial do Cabo: seus contos e seus encantos*. Rio de Janeiro: Hoffmann, 2013.

PRADO, Simone Moutinho. *Da anchova ao salário mínimo: uma etnografia sobre injunções de mudança social em Arraial do Cabo/RJ*. Niterói: Eduff, 2002.

SCHOLLHAMMER, Karl Erick. Realismo afetivo: evocar realismo além de representação. *Estudos da Literatura Brasileira Contemporânea*, n. 39, p. 129-148, 2012.

SCHOLLHAMMER, Karl Erick. *À procura de um novo realismo: tese sobre a realidade em um texto e imagem hoje*. In: HEIDRUN, Olinto Krieger; SCHOLLHAMMER, Karl Erik. (Orgs.). *Literatura e mídia*. São Paulo: Loyola, 2002.

SIBÍLIA, Paula. *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

ANEXO

Uma das histórias mais tristes ocorridas em Arraial do Cabo foi, sem dúvida alguma, o bombardeio ao Shangri-lá. Muitas versões sobre o ocorrido foram citadas ao longo do tempo, segundo pesquisa realizada em arquivos oficiais, é esta, contada aqui em poucas linhas.

O barco São Martinho, também denominado Shangri-lá, tripulado por dez pescadores, deixou o porto de Arraial do Cabo em uma tarde de junho de 1943.

Navegando em direção leste-oeste, por fora do farol de Cabo, e São Martinho varria algumas milhas a procura de bons cardumes. Aquela tarde prenunciava excelente pescaria; teoria sábia dos mareantes da Praia dos Anjos devido à pigmentação da água e correntes fracas que corriam em direção sul. Existem coisas que só o céu e o mar podem explicar... E o homem do mar aprende certos mistérios por costumes, profissão e também, é claro, com a mãe natureza.

O mundo estava em guerra e a Marinha do Brasil provia algumas embarcações com rádio transmissor e um livro ilustrado com bandeiras de todos os

países; a ordem para qualquer embarcação, navio ou avião de guerra estrangeiro, visto em águas ou espaços do territorial brasileiro, emitir, de imediato, mensagem para terra, em uma frequência que o aparelho dispunha.

Certa noite, por volta de vinte e uma horas, surgiu, como por encanto, um barco de guerra que os tripulantes do Shangri-lá não sabiam distinguir sua nacionalidade. Era um submarino alemão identificado com as iniciais U-199, considerado o maior e mais moderno navio de guerra da frota de Hitler – “informações contidas nos anais da segunda guerra, segundo relatos da Marinha”.

O barco de pesca semi-iluminado por um candeio era assediado pelo submarino que fazia várias manobras com um canhão de 105 mm de um mero exercício de tiro ao alvo para testar o poder bélico dessa poderosa arma.

O mestre do Karl Erick Schollhammer, impelido pelo desespero, apagou a lanterna e deixou o pequeno barco escuro. O comandante alemão *Hans Kraus*, em poder das coordenadas de ataque, deu volta e meia e, contra o bombordo do pesqueiro, autorizou os disparos de sete tiros de canhão, destruindo, por completo, o indefeso barco de pesca.

Após os disparos, nenhum gemido humano foi ouvido naquele ponto do mar. A marejada, em murmúrio sepulcral, denunciava o repouso daqueles bravos pescadores em sua morada eterna.

As claras águas do mar, por razões maternais, não devolveram os corpos de seus filhos, porém, restos do pesqueiro boiaram e seguiram trajetórias diferentes; uma grande porção dos destroços rumou para o alto mar, e outra fração devolvida as praias de Arraial do Cabo. Recentemente, o que se tem conhecimento desse episódio, após setenta anos, foi o anúncio feito pela Marinha do Brasil cientificando tal fato e condecorou, através de uma placa no Monumento Nacional dos Mortos da II Guerra Mundial, os nomes dos dez pescadores tidos, também como *heróis de guerra*. (PEREIRA, 2013, p. 130-132)